

## UMA NOVA ÁGORA: A DEMOCRACIA, SEUS OBSTÁCULOS E POSSIBILIDADES

A NEW AGORA: THE DEMOCRACY, ITS OBSTACLES AND POSSIBILITIES

UNA NUEVA ÁGORA: LA DEMOCRACIA, SUS OBSTÁCULOS Y POSIBILIDADES

**DÉBORA LAÍS SANTOS COSTA**

*Mestranda em Constitucionalismo e Democracia na Faculdade de Direito do Sul de Minas. (Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil).*

<http://lattes.cnpq.br/8735089534918536> / <http://orcid.org/0000-0002-4023-953X> / [deboralais.costa@gmail.com](mailto:deboralais.costa@gmail.com)

**EDSON VIEIRA SILVA FILHO**

*Graduado pela PUC-MG de Belo Horizonte, Mestre pela UFPR, Doutor pela Estácio de Sá no Rio de Janeiro e Pós Doutor pela UNISINOS. Professor do PPGD da Faculdade de Direito do Sul de Minas. (Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil).*

<http://lattes.cnpq.br/2225289002355092> / <http://orcid.org/0000-0002-3997-641X> / [esilvaf@globo.com](mailto:esilvaf@globo.com)

### RESUMO

Utilizando como marco teórico Manuel Castells, foi feito um estudo quanto à democracia nos movimentos sociais na época da internet. Com a transformação tecnológica que se encontra no mundo contemporâneo, é necessário que haja uma análise quanto aos institutos que circundam a sociedade e o Direito. Assim, o tema está centrado na democracia, fazendo uma investigação quanto ao seu surgimento em Atenas e seu desenvolvimento. Depois deste passo, foram avaliados os movimentos sociais, sua forma e utilidade, antes e depois da evolução tecnológica, com o objetivo de centrar nas transformações quanto à maneira de se manifestar, uma vez que a internet se torna um instrumento vital para tais manifestações sociais. Por fim, foi analisada a nova espécie de democracia que nasce dos movimentos sociais, dando destaque ao *Occupy Wall Street* e suas peculiaridades. Depois de explorar este ponto, foi visto que a democracia ansiada em tais movimentos traz consigo obstáculos formais e materiais.

**Palavras-chave:** Democracia; Internet; Movimentos Sociais.

### ABSTRACT

Using as theoretical framework Manuel Castells, a study was made about democracy in the social movements in a time of internet. With the technological transformation that is in the contemporary world, there must be an examination as to the institutes that surround society and law. Thus, the theme is focused on democracy, doing an investigation about its appearance in Athens and its development. After this step, the social movements were evaluated, as well as its form and utility before and after the technological evolution, in order to focus on transformation as the way to manifest, once internet becomes a vital tool for such riots. Finally, the new kind of democracy that is born of social movements was analyzed, highlighting the *Occupy Wall Street* and its peculiarities. After exploring this point, it was seen that the longed-for democracy in such movements brings formal and material obstacles.

**Keywords:** Democracy; Internet; Social Movements.

### RESUMEN

Utilizando como marco teórico Manuel Castells será hecho un estudio con relación a la democracia en los movimientos sociales en la época de internet. Con la transformación tecnológica que hay en el mundo contemporáneo es necesario que haya un análisis de los institutos que circundan la sociedad y el Derecho. Así, el tema estará centrado en la democracia, haciendo una investigación de su origen en Atenas y su desarrollo. Después de ese paso serán evaluados los movimientos sociales, su forma y utilidad antes y después de la evolución tecnológica, con el objetivo de centrarse en las transformaciones en cuanto la manera de manifestarse, dado que la internet se torna un instrumento vital para tales manifestaciones sociales. Por fin, será analizado la nueva especie de democracia que nace de los movimientos sociales, dando destaque al *Occupy Wall Street* y sus peculiaridades. Después de explorar este punto será visto que la democracia deseada en tales movimientos aporta consigo obstáculos formales y materiales.

**Palabras clave:** Democracia; Internet; Movimientos sociales.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 A DEMOCRACIA EM CONSTRUÇÃO; 1.1 Modelos Tradicionais; 1.2 Adequações necessárias: a democratização da democracia; 2 A SUBTRAÇÃO DA VONTADE: A SOCIEDADE CIVIL LETÁRGICA; 2.1 Movimentos e transformações; 2.2 Transformações de movimentos; 3 INDIGNAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO; 3.1 Uma nova ágora e suas faces; 3.2 O início da construção do novo e seus obstáculos; 4 CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

## INTRODUÇÃO

O artigo está centrado na questão da democracia, uma vez que ela se mostra de extrema relevância na atualidade. Com as modificações do mundo, sendo que este está cada vez mais globalizado, é interessante notar que o conceito antigo de democracia ateniense não mais reflete as necessidades da população.

Assim, foi feita uma breve análise da democracia ateniense e as modificações encontradas na era da tecnologia. As inovações digitais e as telecomunicações, em todas as suas formas, desde a prensa de Gutenberg até as *digital highways* da Internet, trouxeram consigo uma movimentação de dados e informações mais veloz, fazendo com que os antigos mecanismos de governabilidade comecem a se tornar obsoletos.

Para que se depare com a afirmativa de que a democracia deve ser modificada, foi feita uma análise quanto aos movimentos sociais. Com o advento da internet houve transformações neste âmbito, também. Ao criar e compartilhar manifestações por meio de redes sociais, implanta-se um discurso que pode ser expandido mundialmente.

Destarte, foram investigadas, de forma exemplificativa, duas manifestações antes do uso da internet e duas após ela, para que se possa fazer uma relação da modificação introduzida com as redes virtuais. Desse modo, discorreu-se sobre a Revolução Industrial<sup>1</sup> e as Diretas Já!, duas manifestações que, ainda que absolutamente desproporcionais tanto em seu alcance como em seus objetivos, igualmente lutavam em pró da liberdade. Depois deste ponto foram analisados a Primavera Árabe e o *Occupy Wall Street* (OWS) que utilizaram das redes sociais para

<sup>1</sup> Apesar de não atingir toda a massa da população e ter um baixo grau de organização, a Revolução Industrial, junto com o crescimento do movimento da classe trabalhadora, foram grandes motores de transformação, não sendo mais uma mera turba, mas se não um movimento social *strictu sensu*, produzindo efeitos conjuntos e, dentro de seus limites, se comportando como um, diferente do observado em movimentos anteriores como o de 1789. Cf. RUDÉ, G. *A Multidão na História: estudos dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campos, 1991. p. 179, 239. *Passim*.

alastrarem sua mensagem; nessas duas manifestações percebe-se que uma das reivindicações é quanto à democracia.

O trabalho foi finalizado observando a democracia constituída no *Occupy Wall Street*, baseada em uma comunidade sem líderes, onde todas as decisões eram realizadas após um debate e votação, tendo de haver um consenso total na maioria dos acampamentos. Essa nova democracia tem seus obstáculos, os quais foram analisados no desfecho do artigo.

Desse modo, como objetivo geral do trabalho encontra-se a investigação sobre as possíveis modificações vistas na democracia contemporânea à luz da internet. Utilizando análises bibliográficas, sempre centradas no marco teórico da obra de Manuel Castells, o trabalho visa uma discussão sobre a democracia tentando elaborar uma possível solução para a participação da população em questões políticas na era da internet.

## 1 A DEMOCRACIA EM CONSTRUÇÃO

No século V a.C., Atenas passou por inúmeras guerras contra os persas, as quais foram denominadas de guerras médicas<sup>2</sup>. Com a vitória sobre os persas, a democracia ateniense se fortaleceu. Assim, nesta época encontra-se assembleia popular, eleições diretas e conselhos, entre outros institutos, como importantes marcas da democracia ateniense.

A assembleia popular era vista como o poder mais alto, assim, as votações eram feitas por meio da manifestação da maioria das pessoas. Desse modo, havia nas eleições o direito ao voto e também de voz, em que aqueles que tinham aptidão para manifestar suas escolhas elaboravam sobre o assunto em pauta.

Sócrates, Platão e Aristóteles têm um papel importante na construção da democracia antiga. Por questões metodológicas, o trabalho será centrado nas concepções de Aristóteles, que disserta sobre a atividade política sendo o local natural do homem, e por esse motivo se enquadrando no bem, o qual o homem deve buscar.

Todas as coisas têm um lugar natural, de acordo com os fundamentos da cosmologia<sup>3</sup>, e deste modo, percebe-se que todas as coisas têm uma tendência de se manifestar, que seria o bem. O local natural do homem é na *polis* e, sendo assim, sua tendência seria a atividade

<sup>2</sup> As guerras médicas foram conflitos entre os gregos - aqueus, jônios, dórios e eólios - e os medo-persas, os quais estavam competindo pela Jônia, localizada na Ásia Menor. As colônias gregas, por sua vez, estavam tentando se liberar do domínio persa.

<sup>3</sup> “[...] Ciência das leis gerais que regem o mundo físico. [...] Parte da metafísica que se ocupa da essência da matéria e da vida.” MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 599.

política. Ao elaborar que “o homem é por natureza um animal político”, esclarece que o lugar natural do homem é na atividade política.

Para Aristóteles, a *polis* não era apenas o local geograficamente correto de se realizar política a qual, observada como atividade, justifica a humanidade. Só pode ser reconhecido como homem aquele que participar da atividade política. O contexto político de pertencimento do homem justifica a sua qualidade de ser humano. Portanto, a realização da humanidade e da qualidade de se tornar homem para o Aristóteles passava por um conceito cunhado pelo autor, a *eudaimonia*, que seria a realização da plenitude do sentido da vida humana tendo em vista uma compreensão da existência enquanto atividade. Se o bem é aquilo a que todas as coisas tendem, portanto o bem é ao que a existência humana tende, e o bem específico do homem só pode ser encontrado no exercício da atividade política.

Depois de explorar que o bem e a felicidade, para Aristóteles, estão centrados na atividade política, deve-se, agora, investigar sobre a construção do Estado e, desse modo, da democracia. Ao se analisar a democracia, é necessário que se elabore um conceito, e de acordo com Norberto Bobbio, a teoria clássica da democracia, também conhecida como teoria aristotélica, a define como: “Governo do povo, de todos os cidadãos”<sup>4</sup>. Assim, este será o conceito utilizado para se elaborar o trabalho.

## 1.1 Modelos Tradicionais

Como foi observado, a democracia teve seu apogeu em Atenas, no Século de Péricles: “À medida que o século avançava, o esplendor do estado ateniense parecia aumentar a cada ano. ‘Nossa cidade é uma escola para toda a Grécia’, afirmou Péricles em 431 a.C.”<sup>5</sup>. Essa época também foi conhecida como Idade de Ouro de Atenas, pois se percebe nela um grande desenvolvimento nas áreas de: política, artes, filosofia, história, organização social e urbanização.

No governo de Péricles, desse modo, houve um aperfeiçoamento da Democracia. Ele tinha como objetivo alcançar o maior número de cidadãos possível, não restringindo a

<sup>4</sup> BOBBIO, Norberto. **Dicionário Político**. 11. ed. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1998. v. 1. p. 319.

<sup>5</sup> ABRIL. **A Elevação do Espírito**. Rio de Janeiro: Time - Life Books; São Paulo: Abril Livros, 1991. p. 82.

democracia apenas para aqueles que eram de famílias nobres, o que era um avanço para a época, uma vez que apenas essas famílias gozavam de cargos públicos<sup>6</sup>.

Havia Assembleias que discutiam os assuntos vistos como necessários. Entretanto, observa-se que somente os cidadãos tinham direito de voz nas Assembleias. Aqui se percebe o limite da democracia ateniense: ela visa abarcar todos os cidadãos, entretanto, este conceito excluía inúmeros grupos sociais.

Como em todas as cidades gregas, a sociedade ateniense era agressivamente masculina. Apenas os homens eram cidadãos, e somente os meninos da classe superior recebiam uma educação formal. [...]. Ao completar 18 anos, o jovem ateniense era considerado maior, tornando-se um cidadão pleno, servindo no exército ou na marinha e votando na Assembleia.<sup>7</sup>

Observa-se que apenas os homens e os meninos - depois de alcançarem certa idade - eram considerados cidadãos com direito a voz nas assembleias. As mulheres deveriam ficar recolhidas em casa. Aristóteles elabora sobre a classe feminina excluía do conceito de democracia: “[...] mulher é mulher em virtude de uma deficiência, devendo viver confinada e subordinada ao homem [...]”<sup>8</sup>; observa-se que a concepção de cidadão era limitada.

Outra classe que não pertencia à democracia ateniense, no sentido de cidadão, era a dos escravos. Na Era de Péricles um quarto da população eram escravos por meio de conquistas militares. Por serem desprovidos de liberdade eles não tinham autorização de participarem das discussões na ágora.

Depois de analisados os conceitos de democracia e cidadão em Atenas, será interessante fazer uma investigação quanto ao povo contemporâneo de um Estado Democrático e para isso utilizará Friedrich Müller, que elabora sobre o tema em seu livro “Que é o povo?”.

A obra de Müller é dividida em quatro partes. Primeiro se analisa o “Povo ativo”, que é definido como a população que realmente faz parte da iniciativa popular de eleger representantes, sendo que também há inúmeras exceções nesta classificação, aqueles que são apreciados como povo ativo são os titulares de nacionalidade, os estrangeiros naturalizados e aqueles com idade necessária para votar.

<sup>6</sup> ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 3. ed. Tradução de Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

<sup>7</sup> ABRIL. **A Elevação do Espírito**. Rio de Janeiro: Time - Life Books; São Paulo: Abril Livros, 1991. p. 81.

<sup>8</sup> GUERRA, Raquel Diniz. **Mulher e Discriminação**. Belo Horizonte: Fórum, 2011. p. 48.

O próximo ponto analisado é o “Povo como instância global de atribuição de legitimidade”, onde elabora sobre a relação existente entre a votação da população e as normas criadas para vincular seus interesses e ações. Assim, Müller elabora que:

Esse padrão se repete: o povo não é apenas - de forma indireta - a fonte ativa da instituição de normas por meio de eleições bem como - de forma direta - por meio de referendos legislativos; ele é de qualquer modo o destinatário das prescrições, em conexão com deveres, direitos e funções de proteção. E ele justifica esse ordenamento jurídico num sentido mais amplo como ordenamento democrático, à medida que o aceita globalmente, não se revoltando contra o mesmo. Nesse sentido ampliado, vale o argumento também para os não eleitores, e igualmente para os eleitores vencidos pelo voto [...] ou para aqueles cujo voto foi vitimado por uma cláusula limitadora.<sup>9</sup>

A terceira divisão proposta pelo autor é do “povo como ícone”, onde o autor estabelece como uma classificação de um povo:

[...] erigido em um sistema, induz a práticas extremadas. A iconização consiste em abandonar o povo a si mesmo; em desrealizar a população, em mitificá-la [...] em hipostasiá-la de forma pseudossacral e em instituí-la assim como padroeira tutelar abstrata [...]<sup>10</sup>

Por fim, o autor traz o “povo como destinatário de prestações civilizatórias do Estado”. O cidadão tratado aqui é aquele que adquire os bens e serviços oferecidos pelo Estado Democrático de Direito.

## 1.2 Adequações necessárias: a democratização da democracia

Depois de analisado o conceito de democracia em Atenas e sua respectiva definição de cidadão, o trabalho trouxe para o tema a investigação do povo em Friedrich Müller, observando a transformação dos conceitos nos dois pontos históricos. Assim, percebe-se as mudanças ocorridas durante o passar dos anos.

Não foi apenas o conceito de cidadão que se modificou. Observa-se hoje, na sociedade contemporânea, que a forma de se exercer a democracia também está em transformação e isso se dá devido às evoluções tecnológicas, as quais modificaram tanto os valores da sociedade

<sup>9</sup> MÜLLER, Friedrich. **Quem é o povo?** A questão fundamental da democracia. Tradução de Peter Naumann. 6. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011. p. 55-56.

<sup>10</sup> MÜLLER, Friedrich. **Quem é o povo?** A questão fundamental da democracia. Tradução de Peter Naumann. 6. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011. p. 61.

como seu comportamento. Essas mudanças trouxeram para a população um meio de expressar mais facilmente a vontade geral, como será visto.

Assim, utilizando as pesquisas de Manuel Castells como marco teórico, será analisado como a tecnologia, mais especificamente a internet, modificou o modo que as coisas são vistas e feitas no mundo contemporâneo.

[...] embora não determine a tecnologia, a sociedade pode sufocar seu desenvolvimento principalmente por intermédio do Estado. Ou então, também principalmente pela intervenção estatal, a sociedade pode entrar num processo acelerado de modernização tecnológica capaz de mudar o destino das economias, do poder militar e do bem-estar social em poucos anos. Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico.<sup>11</sup>

Uma rápida contextualização histórica é oportuna. Assim, a manifestação do sistema de transmissão eletrônica de informação, que hoje se tornou a internet, ocorreu durante a guerra fria, uma vez que os Estados Unidos, se sentindo ameaçado pela então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), desenvolvendo uma tecnologia apta a guarda, conservação, troca e compartilhamento de documentos e informações do Departamento de Defesa, sob o nome Darpanet.

O papel da internet na sociedade foi desenvolvendo-se<sup>12</sup> passando a abranger todos os aspectos da vida dos cidadãos. Hoje se percebe que, por meio das redes virtuais, pode-se produzir qualquer tipo de serviço; e essa é a grande modificação que a internet traz. E com isso contempla-se que as barreiras construídas entre as fronteiras dos países não se mostram mais tão relevantes, uma vez que há a possibilidade de se comunicar com qualquer pessoa no mundo inteiro.

<sup>11</sup> CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 17. ed. São Paulo: Paz&Terra, 2016. p. 66.

<sup>12</sup> “A internet é uma das poucas coisas criadas pelos homens que eles não entendem completamente. O que começou como um sistema de transmissão eletrônica de informação - de um computador do tamanho de um cômodo para outro de dimensões equivalentes - se transformou numa válvula de escape onipresente e infinitamente multifacetada para a expressão e a energia humanas. Ela é intangível e ao mesmo tempo está em constante estado de mutação, tornando-se maior e mais complexa a cada segundo. [...]” COHEN, Jared; SCHMIDT, Eric. **A Nova Era Digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. p. 11.

Conforme esse espaço for crescendo, a compreensão de quase todos os aspectos de nossa vida vai mudar, das minúcias de nosso cotidiano às questões mais fundamentais sobre identidade, relacionamento e mesmo nossa própria segurança. Por meio da tecnologia, obstáculos ancestrais à interação humana, como geografia, linguagem e informação limitada, vão cedendo, e uma nova onda de criatividade e potencial humanos vai se elevando. A adesão em massa à internet está promovendo uma das mais empolgantes transformações sociais, culturais e políticas da história e, ao contrário do que ocorreu nos períodos de mudanças anteriores, desta vez os efeitos são globais. Nunca antes tantas pessoas, de tantos lugares diferentes, tiveram tanto poder ao alcance das mãos. E, embora esta não seja a primeira revolução tecnológica de nossa história, será aquela que tornará possível a quase todos possuir, desenvolver e disseminar conteúdo em tempo real sem depender de intermediários.<sup>13</sup>

Com essa sucinta contextualização visualiza-se a mudança da vida em sociedade nos dias atuais. Os meios de comunicação e a possibilidade de compartilhar dados e informações passam a ser feitos de modo virtualmente instantâneo. Com essas transformações é de se esperar que os outros pilares da comunidade também se modifiquem.

Para dar alguns exemplos de tais modificações basta analisar as manifestações ocorridas no mundo atualmente, como por exemplo, a Revolução Egípcia<sup>14</sup>, que com a assistência do Facebook trouxe consciência dos acontecimentos a 70 mil seguidores.

Outro exemplo da internet como meio de manifestação social é o *Occupy Wall Street*<sup>15</sup>. Aqui, além de haver utilização desse mecanismo virtual para aglomerar os manifestantes, também se percebe o início de uma nova prática da democracia.

Mais uma faceta da internet foi a de assistir à formação do Marco civil da internet, sendo que o código foi estruturado por meio de uma plataforma colaborativa, onde houve a discussão quanto aos conceitos, institutos e redação da lei. Observa-se o caráter participativo que a internet proporcionou a seus usuários.

<sup>13</sup> COHEN, Jared; SCHMIDT, Eric. **A Nova Era Digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. p. 11-12.

<sup>14</sup> “A Revolução de 25 de janeiro [...], que em dezoito dias destronou o último faraó, nasceu das profundezas de fatores como opressão, injustiça, pobreza, desemprego, sexismo, arremedo de democracia e brutalidade policial. Ela foi precedida de protestos políticos [...], lutas pelos direitos das mulheres [...] e conflitos trabalhistas [...]” CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 50.

<sup>15</sup> “O Occupy Wall Street nasceu digita. O grito de indignação e o apelo à ocupação vieram de vários blogs [...] e forma postados no Facebook e difundidos pelo Twitter. [...]. Grupos e redes de ativistas atuando na internet ouviram e divulgaram o chamado, além de tecerem comentários em apoio à iniciativa. Boa parte da primeira leva de tuítes no mês de julho chegou da Espanha, onde o movimento dos indignados encontrava uma nova esperança no planejado confronto direto com o núcleo do capital financeiro. Com a expansão do movimento, o Twitter tornou-se a ferramenta fundamental para a comunicação interna nos acampamentos, assim como para conectá-los a outras ocupações e para o planejamento de ações específicas.” CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 134-135.



A internet disponibiliza aos usuários espaço para compartilhamento de informações, sobre qualquer tipo de assunto, transformando a noção de participação na vida pública e exercício da cidadania, privilegiando-se a democratização da informação em contraposição ao monopólio do conhecimento.

Analisando tais movimentos sociais percebe-se que a sociedade anseia um novo meio legal de discussão, uma vez que a antiga ágora e a atual democracia não estão satisfazendo mais as pretensões do povo. Com a internet observa-se que surge uma nova ferramenta de mobilizar, deliberar e decidir, criando movimentos anárquicos, ou seja, movimentos que não clamam por uma liderança, e apresentam a vontade geral.

A internet é o maior experimento da história envolvendo anarquia. A cada minuto, centenas de milhões de pessoas criam e consomem uma incalculável soma de conteúdo digital em um universo on-line que não é limitado pelas leis terrestres. Essa nova capacidade de livre expressão e movimento de informação gerou a rica paisagem virtual que conhecemos hoje [...]<sup>16</sup>

Uma particularidade da sociedade se modificou e é necessário, agora, que a democracia, legitimada pelo Estado, consiga alcançá-la para que não se torne obsoleta em uma comunidade que se transmuta de forma acelerada.

## 2 A SUBTRAÇÃO DA VONTADE: A SOCIEDADE CIVIL LETÁRGICA

De acordo com Marx<sup>17</sup>, a sociedade civil<sup>18</sup> se vê alienada pelos empregadores, os quais utilizam de tal instrumento para elaborar uma dominação efetiva para com seus empregados.

<sup>16</sup> COHEN, Jared; SCHMIDT, Eric. **A Nova Era Digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. p. 11.

<sup>17</sup> “Analisamos o ato de alienação da atividade prática humana, o trabalho, segundo dois aspectos: 1) A relação do trabalhador com o produto do trabalho como a um objeto estranho que o domina. Tal relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo externo sensível, com os objetos naturais, assim como com um mundo estranho e hostil; 2) A relação do trabalho com o ato da produção dentro do trabalho. Tal relação é a relação do trabalhador com a própria atividade assim como com alguma coisa estranha, que não lhe pertence, a atividade como sofrimento (passividade), a força como impotência, a criação como emasculação, a própria energia física e mental do trabalhador, a sua vida pessoal - e o que será a vida senão atividade? - como uma atividade dirigida contra ele, independente dele, que não lhe pertence.” MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 115.

<sup>18</sup> “(...) Marx faz da sociedade civil o lugar das relações econômicas, ou melhor, das relações que constituem “a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política” [ib., p. 957], “sociedade civil” passa a significar o conjunto das relações interindividuais que estão fora ou antes do Estado, exaurindo deste modo a compreensão da esfera pré-estatal distinta e separada da esfera do Estado, aquela mesma esfera pré-estatal que os escritores do direito natural e em parte, sobre a trilha por eles aberta, os primeiros economistas, a começar dos fisiocratas, tinham chamado de estado de natureza

Desse modo, uma vez que se percebe o surgimento do capitalismo no século XVIII, a constituição empregado e empregador existe há três séculos. Essa dominação deixa a vontade social da população contida, não a preparando para se manifestar contra eventos repressivos da sociedade, como opressões vindas dos empregadores e do Estado.

Quando se faz uma análise quanto à história das revoluções/manifestações, concebe-se que depois de um período de abuso e intolerância os sujeitos despertam para tais tratamentos e decidem exteriorizar seus sentimentos contra a repressão sofrida.

Será explorado, a seguir, sobre algumas manifestações, antes da utilização da internet e depois dela. É evidente que não se mostra possível exaurir o assunto, assim será feita uma investigação de forma exemplificativa, apenas.

## 2.1 Movimento e Transformações

Existem alguns conceitos diferentes sobre movimentos sociais, assim, é necessário que se adquira um marco teórico para aprofundar no assunto. Desse modo, será utilizado o conceito de Marx quanto ao movimento social.

Os movimentos sociais, destarte, na concepção marxista, são processos de transformação de eventos pré-existentes na realidade social, podendo ser observado como luta de classes em situação de assujeitamento. Os movimentos sociais, como forma de revoluções, podem ser vistos como ruptura da ordem dominante.

Depois dessa definição é interessante trazer alguns movimentos que tiveram como objetivo modificar a estrutura social de dominação. Será elaborado no texto sobre as movimentações sociais antes da revolução tecnológica.

A primeira manifestação a ser analisada é a *Diretas Já!*. É oportuno fazer uma rápida contextualização histórica quanto ao assunto. Tal manifestação foi resposta do governo ditatorial de 1964 que modificou a Constituição de 1946 colocando em vigor a Constituição de 1967, a qual retirou inúmeros direitos e garantias individuais, proibiu qualquer tipo de manifestação e de agrupamento contra aqueles que governavam e além da censura havia também a imposição de duras leis para aqueles que cometiam “crimes políticos”.

Mesmo havendo normas contra manifestações, observa-se que em 1984, depois de inúmeras torturas, extinção de direitos, censura e crise econômica, o país fez o movimento

---

ou sociedade natural.” BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade:** para uma teoria geral da política. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. p. 38.

*Diretas Já!*, que tinha como objetivo o fim da ditadura e a convocação de novas eleições, sendo elas diretas. E, desse modo, conseguiram pôr fim ao governo ditatorial.

Os números variam, mas uma coisa é certa: este comício foi a maior manifestação já realizada em São Paulo desde a Marcha de Família com Deus pela Liberdade, em 1964. De acordo com os cálculos realizados pela “Folha”, 300 mil pessoas saíram às ruas para defender, na praça da Sé, a restauração das eleições diretas para a Presidência da República.<sup>19</sup>

Os objetivos da *Diretas Já!* foram alcançados e Tancredo Neves foi eleito Presidente. A população conseguiu, por meio das manifestações, eleger um não-militar e oposição ao regime da época. O Brasil saiu do Estado de exceção e promulgou sua primeira Constituição pós-ditadura, onde foram concedidos aos cidadãos seus direitos fundamentais e garantias individuais.

Depois da análise de uma manifestação, relativamente atual e nacional, será investigado, agora, sobre a manifestação dos operários durante a Revolução Industrial. Durante essa época as produções artesanais foram transformadas em produções em maquinarias e, desse modo, houve um aumento econômico para os empregadores<sup>20</sup>.

Quanto mais se produzia e mais se ganhava, mais desejava produzir, havendo a necessidade do lucro máximo e para que fosse atingido tal objetivo os trabalhadores deveriam executar mais tarefas em um menor tempo e com menos garantias.

Assim, os empregados eram amontoados em moradias apertadas; as crianças, de cinco ou seis anos de idade, também trabalhavam; a demanda crescente de mulheres as levava a trabalhar até o parto, criando um quadro de injustiça social em meio a cidades insalubres<sup>21</sup>.

Se a jornada média é de dez horas e o valor cotidiano da força de trabalho é de três moedas-padrão, o preço da hora é de 30 centavos; se, em consequência de um aumento de trabalho, o operário trabalha 12 horas em lugar de dez, então sem mudar o preço desse trabalho o salário cotidiano se elevará a três moedas-padrão e sessenta centavos; há que se advertir que, nesse último caso, apesar da elevação do salário, à força de trabalho paga-se por menos do seu valor,

<sup>19</sup> BRICKMANN, Carlos. 300 mil nas ruas pelas diretas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 jan. 1984. Capa, p. 1.

<sup>20</sup> E.g.: “O movimento dos sans-culottes terminou, como já vimos, com a manifestação final e desastrosa de maio de 1795 e, quando reapareceu, na década de 1830, tinha adquirido um novo conteúdo social e novos gritos de guerra e lemas. Como dissemos no Capítulo 11, foram o advento da revolução industrial e o crescimento do movimento da classe trabalhadora nos anos intermediários, em grande parte, os responsáveis pela transformação”. Cf. RUDÉ, G. *A Multidão na História: estudos dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848*. Tradução de Waltensir Dultra. Rio de Janeiro: Campos, 1991. p. 239.

<sup>21</sup> WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Círculo do Livro, 1988. p. 138.

portanto essa elevação não compensa o maior dispêndio da força resultante do aumento de trabalho.<sup>22</sup>

A manifestação apresentada como resposta a essas condições foram os movimentos: Ludista e Cartista, movimentos anticapitalista e por essa razão transportam consigo caráter político, anarquistas e comunistas.

## 2.2 Transformações de movimentos

A sociedade está sempre se transformando e por consequência seus movimentos sociais também modificam. Com a inovação da Era da Informação observa-se que a tecnologia alcançou a grande maioria dos países<sup>23</sup> fazendo com que as sociedades se modificassem e, desse modo, serão analisadas algumas manifestações que usaram a internet como base. Como primeira revolução a ser analisada será investigado sobre a Primavera Árabe.

Em 2010, Mohamed Bouazizi, cidadão da Tunísia, insurgiu contra as condições de vida no país, o que levou a sua morte. Este foi o estopim para as manifestações que ocorreriam a seguir, as quais se dispersaram pelo país e tinham tanta força que fizeram com que o presidente abandonasse o país, exilando-se na Arábia Saudita.

Foi o povo tunisiano que inspirou a região no levante por democracia e liberdade, derrubando o ditador Zine El Abidine Ben Ali. Suas ações deflagraram uma onda de manifestações populares pelo Norte da África e no Oriente Médio, conhecidas como Primavera Árabe, que também levou à queda dos regimes no Egito, Iêmen e Líbia.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> MARX, Karl. **O Capital**. Tradução de Gabriel Deville. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2013. p. 167.

<sup>23</sup> “Para onde quer que olhássemos, víamos telefones celulares. Isso nos surpreendeu. Na época, o Iraque era uma zona em guerra havia seis anos, desde a queda de Saddam Hussein, que, em sua paranoia totalitária, proibira o uso dos aparelhos. A guerra dizimara a infraestrutura física do país, e a maioria das pessoas não contavam com acesso garantido a comida, água e eletricidade. Mesmo os artigos mais básicos eram excessivamente caros. Em alguns lugares, o lixo não era recolhido havia anos. E, o que era mais problemático, a segurança da população nunca estava garantida, tanto para funcionário de alto escalão quanto para os lojistas comuns. Celulares pareciam ser o último item que apareceria na assustadora lista de necessidades do país. Mesmo assim, como acabamos descobrindo, apesar de todos os problemas prementes em suas vidas, os iraquianos priorizavam a tecnologia.” COHEN, Jared; SCHMIDT, Eric. **A Nova Era Digital: Como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios**. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues e Rogério Durst. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. p. 16.

<sup>24</sup> UM ANO depois da Primavera Árabe, Ban elogia avanços na Tunísia. **Nações Unidas do Brasil**, 16 jan. 2012. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/um-ano-depois-da-primavera-arabe-ban-elogia-avancos-na-tunisia/>>. Acesso em: 1 out. 2016.

A onda de manifestações fez com que os egípcios protestassem contra o presidente que mantinha uma ditadura de 30 anos no país. Entretanto, as movimentações não foram o bastante para depor o regime autoritário<sup>25</sup>.

As manifestações se espalharam também para outros países. Na Líbia, o ditador Muamar Kadafi foi deposto, depois de governar o país por 42 anos, sendo que a onda de manifestações ocorridas no país foi uma das mais violentas da Primavera Árabe; o ex-ditador foi morto pelos rebeldes no dia 20 de outubro de 2011<sup>26</sup>. Enquanto isso, na Síria, o presidente Bashar al Assad reprimiu violentamente as manifestações, continuando, assim, na presidência.

O Presidente da Assembleia Geral da ONU, Nassir Abdulaziz Al-Nasser, e o Secretário-Geral da Liga dos Estados Árabes (LAS), Nabil Al-Araby, se encontraram nessa terça-feira (21/02) para discutir a crise na Síria, uma transformação triste do movimento mais amplo da Primavera Árabe. Estima-se que 5.400 pessoas já foram mortas desde a revolta em março de 2011, dezenas de milhares foram presas, incluindo crianças, 25 mil estão refugiadas e 70 mil deslocadas internamente.<sup>27</sup>

A relação das redes sociais com essas manifestações se apresenta como meio de divulgar os acontecimentos a tempo real, além de convocação da população para todos os atos que viriam a acontecer.

Em junho de 2010, Khaled Said foi espancado até a morte pela polícia por apresentar, na internet, um vídeo que mostrava a corrupção policial. Sua morte, assim como a de Mohamed

<sup>25</sup> “No Egito, a Primavera Árabe acabou. Há três anos, milhões foram às ruas do país exigir mais liberdade e melhores condições de vida, mas, hoje, a possibilidade dessas demandas serem contempladas evaporou. Nos últimos três dias, um referendo disfarçado de eleição coroou o marechal reformado Abdel Fattah al-Sissi no cargo de presidente. O militar se apresenta como a solução dos problemas do país, mas sua chegada ao poder representa o início da reconstrução do regime que pareceu ter sido derrubado em 2011. A partir de agora, a ditadura egípcia terá uma configuração diferente, mas seguirá carregando dentro de si os germes da instabilidade: o autoritarismo e a impossibilidade de lidar com os graves problemas econômicos do país.” LIMA, José Antônio. No Egito, a Primavera Árabe acabou. **Carta Capital**, 29 maio 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/no-egito-a-primavera-arabe-acabou-4458.html>>. Acesso em: 1 out. 2016.

<sup>26</sup> “Depois de 42 anos, a era Muamar Kadafi terminou de vez nesta quinta-feira. O novo governo da Líbia anunciou que o ex-ditador, que tomou o poder em 1969 e estabeleceu uma brutal tirania no Norte da África, morreu pouco depois de ser capturado, oito meses depois do início de uma mobilização popular contra seu regime. De acordo com fontes líbias, ele ficou ferido na ação para prendê-lo. Uma foto divulgada pela agência de notícias France-Presse mostra Kadafi coberto de sangue. O corpo foi levado para um local mantido sob sigilo, por razões de segurança, disse uma fonte do novo governo.” EX-DITADOR Muamar Kadafi está morto, afirmam forças líbias. **Veja**, 20 out. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/forcas-rebeldes-capturam-muamar-kadafi-diz-tv-libia>>. Acesso em: 1 out. 2016.

<sup>27</sup> ONU e Liga dos Estados Árabes discutem crise na Síria e Primavera Árabe. **Nações Unidas no Brasil**, 22 fev. 2012. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/onu-e-liga-dos-estados-arabes-discutem-crise-na-siria-e-primavera-arabe/>>. Acesso em: 1 out. 2016.

Bouazizi, motivou a população a expressar seu descontentamento perante o Estado. No caso de Khaled Said, foi criado um grupo do Facebook - Todos somos Khaled Said - convocando a população a se manifestar. Todos os protestos foram vinculados à rede virtual, dando acesso a imagens e vídeos para o mundo inteiro.

Não há dúvida de que os espaços de resistência originais foram constituídos na internet, já que as formas tradicionais de protesto foram recebidas com enorme ferocidade por uma polícia que há muito tempo vinha torturando com impunidade [...]. Também está claro que as convocações para a manifestação de 25 de janeiro, e depois em outras datas sucessivas, foram feitas via Facebook para serem recebidas por um ativo séquito constituído de jovens para os quais as redes sociais e os telefones celulares eram parte central de seu modo de vida.<sup>28</sup>

Percebendo a utilidade das redes sociais e, conseqüentemente, da internet, o governo encontrou um meio de deter as manifestações, utilizando o bloqueio das redes<sup>29</sup>. Além disso, o governo também censurou a mídia e mensagens de texto de celulares. Entretanto, os telefones fixos continuaram funcionando - eles foram usados para relatar as notícias do que estava ocorrendo no país -, as televisões por satélite possibilitaram a conexão da Al Jazeera, uma das maiores emissoras de televisão jornalística, e os próprios manifestantes discorriam sobre como evitar o controle de comunicação pelo Estado<sup>30</sup>. A internet foi restaurada alguns dias depois por questões econômicas.

[...] o obstáculo mais importante que os governos enfrentam ao tentar bloquear a internet vem da vigilância da comunidade global da web, que inclui hackers, techies, empresas, defensores dos direitos humanos, redes militantes como a Anonymous e pessoas do mundo todo para as quais a internet se tornou tanto um direito fundamental quanto um modo de vida. Essa comunidade veio em socorro do Egito como já fizera na Tunísia em 2010 e no Irã em 2009. Além disso, a engenhosidade dos manifestantes egípcios tornou possível a reconexão com o movimento, assim como entre este, o Egito e o mundo em geral.<sup>31</sup>

<sup>28</sup> CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 53.

<sup>29</sup> VIJAYAN, Jaikymar. Syria drops off the Internet amid turmoil. **Computerworld**, 3 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.computerworld.com/article/2508961/vertical-it/syria-drops-off-the-internet-amid-turmoil.html>>. Acesso em: 1 out. 2016.

<sup>30</sup> Em Novembro de 2012, o jornal The New York Times reportou sobre algumas das táticas utilizadas pelos rebeldes para burlar os bloqueios do governo, incluindo o contrabando de equipamentos portáteis para uso de satélites. Cf. CHOZICK, Amy. For Syria's Rebel Movement, Skype Is a Useful and Increasingly Dangerous Tool. **The New York Times**, 30 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2012/12/01/world/middleeast/syrian-rebels-turn-to-skype-for-communications.html>>. Acesso em: 1 out. 2016.

<sup>31</sup> CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 58.

Por fim, é interessante de notar que as manifestações apresentadas na Primavera Árabe foram, em seu objetivo geral, a derrogação de governos ditatoriais e absolutistas. Todas as manifestações clamavam por uma democracia.

Outra manifestação interessante de ser analisada é o *Occupy Wall Street* (OWS), a qual se mostra como uma resposta às crises do mercado imobiliário que o país sofreu, onde inúmeras pessoas perderam suas casas, mas o sistema financeiro se recuperou utilizando o dinheiro dos contribuintes e não foram responsabilizados por suas atitudes.

A origem do movimento ocorreu por meio de um site canadense, [www.adbusters.org](http://www.adbusters.org), que anunciou, no Twitter, a necessidade dos Estados Unidos realizar uma manifestação como a da Primavera Árabe. Outros grupos expressaram que os Adbusters não foram os primeiros a conceber a ideia do OWS.

Desse modo, no dia 17 de setembro<sup>32</sup>, inúmeras pessoas se reuniram no *Zuccotti Park*, onde acamparam com o slogan “Nós somos 99%”<sup>33</sup>, que representava a desigualdade social, onde 1% da população detém a riqueza.

Tudo o que acontecia nas manifestações era gravado ou fotografado e disponibilizado nas redes sociais. Também, encontra-se na internet, por meio de *sites* ou redes sociais, como Facebook e Twitter, uma convocação para que a população fizesse parte dos movimentos.

### 3 INDIGNAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

O papel da indignação frente a abusos cometidos pelo Estado ou pelo setor privado dependendo da revolução analisada - se mostra como ponto importante para que a sociedade civil encontre *animus* para movimentar uma manifestação.

Assim, percebe-se pela investigação apresentada que as aversões a práticas de setores hierarquicamente superiores trazem transformações para uma sociedade descontente e essas transformações modificam o pensar da população.

#### 3.1 Uma nova ágora e suas faces

<sup>32</sup> Dia do aniversário da assinatura da Constituição americana.

<sup>33</sup> “We are 99%” (tradução nossa).

Ao analisar o *Occupy Wall Street* e suas peculiaridades, observa-se que criou-se, naquela manifestação, uma democracia própria<sup>34</sup>, que tinha como objetivo atingir consenso entre os cidadãos.

Usando como exemplo os acontecimentos no Egito, os manifestantes foram criando sua própria maneira de deliberar sobre o assunto, eles não tinham intenção de reproduzir a democracia atual, uma vez que eles enxergavam nela muitos problemas.

O mais significativo para os cidadãos era a ausência de uma liderança, sendo o aspecto anarquista a característica principal da democracia que eles tinham como finalidade a alcançar.

Não havia líderes no movimento em âmbito local, nacional ou global. Esse era um princípio básico aplicado pela multidão de ocupantes com a maior determinação sempre que alguém tentava assumir papel de destaque. Foi realmente um experimento de organização de movimentos sociais. Ele desmentiu o arraigado pressuposto de que nenhum processo sociopolítico poderia funcionar sem algum tipo de orientação estratégica e de autoridade vertical. No movimento Occupy, não havia liderança, fosse ela tradicional ou carismática. E certamente não havia liderança pessoal. Havia funções de liderança, mas estas eram exercidas em âmbito local, pela assembleia geral que se reunia regularmente no espaço ocupado. Havia também funções de coordenação que ajudavam a estruturar decisões coletivas, e estas eram assumidas por redes de consulta interativas da internet.<sup>35</sup>

As decisões eram tomadas em um certo local, com claras regras para as votações, onde, de acordo com Manuel Castells depois de uma pesquisa nos sites sobre o assunto, havia um “[...] encontro aberto horizontal, sem liderança, baseado no consenso [...]”<sup>36</sup>, todos podiam participar e apresentar propostas.

Todas as propostas são apresentadas e explicadas pelo indivíduo que as trouxe para o debate, ao final o facilitador - que não é o líder, apenas alguém que assiste as decisões - convoca a assembleia para votar, por meio de gestos manuais.

Quando se encontra um consenso positivo ela é aceita e se for negativo, quem apresentou a proposta deve reanalisá-la e a devolver à assembleia até que haja um acordo. A

<sup>34</sup> Observa-se uma esboço de uma transição de uma democracia (ao menos em tese) representativa para uma forma de democracia direta, já apresentada por Bobbio: “Parto de uma constatação sobre a qual podemos estar todos de acordo: a exigência, tão freqüente nos últimos anos, de maior democracia exprime-se como exigência de que a democracia representativa seja ladeada ou mesmo substituída pela democracia direta.” Cf. BOBBIO, Norberto. *O Futuro da Democracia*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 41.

<sup>35</sup> CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 142.

<sup>36</sup> CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 143.



maioria dos consensos pesquisados deve ser total, ou seja, todos devem aceitar a proposta, outras coletividades aceitam 90% de consenso.

Cada proposta segue o mesmo formato básico: um indivíduo descreve a proposta e explica por que está sendo apresentada e como pode ser executada. Outros membros da assembleia expressam seu apoio, fazem perguntas ou reagem a ela. Após discussões exaustivas, e quando há indicações de que o grupo está perto de um consenso, o facilitador convoca toda a assembleia a expressar, mediante uma série de gestos manuais, sua opinião sobre a proposta (...). Havendo um consenso positivo, ela é aceita e tem início a ação direta. Se não há consenso, o indivíduo que fez a proposta é solicitado a revisá-la e voltar a submetê-la à assembleia até que se chegue a um acordo. Algumas assembleias gerais exigem consenso total, mas outras adotaram o consenso restrito ou parcial (como o 90%, por exemplo). Esse foi um tema controverso em muitas ocupações. Como é tão difícil chegar a um consenso, os membros da assembleia geral podem expressar diferentes tipos de discordância: abstenção - por motivos que incluem não apoiar, ter reservas ou conflito pessoal - e obstrução. Em tese, só se deve recorrer à obstrução em situações extremas. Na prática ela é usada com certa frequência.<sup>37</sup>

Observa-se que a democracia elaborada nos acampamentos do OWS não tem nenhuma regra vinculada a qualquer tipo de Estado, ou mesmo a alguma liderança dentro de suas comunidades. Tais normas são implementadas por meio da aprovação de todos os membros<sup>38</sup>.

Com o intuito de instituir novos pilares para a democracia, o OWS acolhe os projetos dos participantes e os discute na assembleia, criando propostas aceitas por toda a comunidade, sendo essa a correta ideia de democracia discutida acima: “Governo do povo, de todos os cidadãos”<sup>39</sup>, ou seja, os manifestantes do OWS conseguiram atingir o ponto central do conceito de democracia<sup>40</sup>.

### 3.2 O início da construção do novo e seus obstáculos

<sup>37</sup> CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 143-144.

<sup>38</sup> Bobbio oferece uma crítica a essa ideia de que todos os cidadãos participem de todas as decisões, afirmando não ser esta a democracia direta que defende. Cf. BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 42.

<sup>39</sup> BOBBIO, Norberto. **Dicionário Político**. 11. ed. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1998. v. 1. p. 319.

<sup>40</sup> Várias críticas são encontradas a este modelo de democracia, situada no limite entre a democracia representativa e a democracia direta. Bobbio aponta que Mills aponta a tirania da maioria como um dos perigos. Entretanto, observa-se na mesma obra que a própria natureza do processo de formação da maioria seria uma das formas de evitar tal tirania. Se dúvida, o modelo observado no OWS se aproxima bastante do sufrágio universal proposto por Mills, algo absolutamente necessário no caminho da democracia. Cf. BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 68.

Com a análise feita sobre o OWS, percebe-se que é possível que exista uma democracia mais participativa, onde os cidadãos tenham poder de voto direto sobre tudo aquilo que implicaria mudanças em suas vidas. A internet traz essa possibilidade de participação, como foi visto ao longo do texto. Entretanto, para que seja viável, tal hipótese deve assistir os cidadãos para que tenham um estudo político mais profundo sobre os temas tratados e desse ponto pode-se elaborar uma vontade geral do povo, que seria fundamentada em análises políticas.

Essa construção do conhecimento se daria por meio das mídias não-tradicionais, uma vez que as tradicionais são passíveis de serem corrompidas por patrocinadores, elaborando, desse modo, notícias parciais. Observa-se que a internet como mídia não-tradicional se mostra de muito valor, isto pois consegue transmitir notícias e fatos, muitas vezes com mais apurações do que outros meios de comunicação, mais rápido e de modo eficaz, como elabora Castells: “[...] há também casos de informação política relevante difundida através da Internet que não teria podido ser tão ampla, nem tão rápida, se tivesse circulado através da mídia convencional.”<sup>41</sup>

O envolvimento que se apresenta neste tipo de meio de divulgação de informações se mostra de grande valia para que se profira as notícias, utilizando informações de diversos indivíduos, conjuntamente, e de forma que todos os dados possam ser provados. Esse fato se mostra interessante na construção de uma nova democracia, ou seja, um local onde todos possam colaborar visando um objetivo único.

A nova democracia se mostra viável, entretanto, apresenta-se inúmeros obstáculos para que se torne praticável. A primeira análise a ser feita é quanto ao consenso, observa-se que nos pequenos acampamentos do OWS já se mostrava dificultosa a deliberação consensual de um projeto, esse feito dentro de uma sociedade se mostra ainda mais trabalhoso de ser alcançado.

Outro ponto que se apresenta como obstáculo fundamental é no que diz respeito à informação obtida nos meios tecnológicos, uma vez que tal conhecimento é apresentado na internet por meio de inúmeros sites e com várias abordagens; porém, não é todo cidadão que está disposto a trabalhar com o saber oferecido nas redes virtuais.

Em contrapartida, se não for contabilizada a inutilização da questão da informação, observa-se que com o avanço dos meios virtuais de comunicação, estes começam a ser

<sup>41</sup> CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 130.

manipulados como são todas as outras mídias e isso faz com que as informações ali passadas não sejam confiáveis<sup>42</sup>.

Assim, nota-se que, na era da informação, inúmeras pessoas não se dispõem a pesquisar sobre algum tema, e quando o fazem, tal inquirição pode ser feita em *sites* que não são confiáveis. Isso faz com que esse tipo de democracia que se tentou criar no OWS se torne inviável, uma vez que sem informações adequadas não é possível deliberar sobre nenhum assunto.

Percebe-se a falta de interesse na população ao constituir uma deliberação fundamentada em estudos e pesquisas quando se analisa o caso do BREXIT, uma vez que a população da Inglaterra apenas se informou sobre o referendo depois de ser finalizado<sup>43</sup>.

## CONCLUSÃO

Como elaborado por Manuel Castells a internet se apresenta hoje como um meio de comunicação em massa. Com esse instrumento é possível divulgar notícias, dados e compartilhamentos por todo o mundo.

Assim, por ser um mecanismo rápido de divulgação e compartilhamento, ela deve ser usada também como acréscimo à democracia, uma vez que, segundo Castells, quanto mais informação se é dada para a população basear suas decisões, melhores são as deliberações feitas por estas.

Percebe-se pelas manifestações que foram elaboradas no trabalho que a possibilidade de se compartilhar notícias em tempo real faz com que elas sejam mais fáceis de serem entendidas, com menos potenciais manipulações das grandes mídias e trazem questionamentos sobre pontos importantes que podem ser discutidos com toda a comunidade virtual.

Observa-se que a possibilidade de se tratar de temas que trazem questionamento para a sociedade de forma coletiva, aceitando pontos diferentes e discutindo sobre qualquer tipo de

<sup>42</sup> Impossível não se apontar os recentes escândalos relativos à eleição de Donald Trump à eleição dos EUA e os *sites* de notícia que proliferaram durante o período, com ênfase especial aos localizados na Macedônia. Cf. SUBRAMANIAN, Samanth. Inside the Macedonian Fake-News Complex. *Wired*, 15 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.wired.com/2017/02/veles-macedonia-fake-news/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

<sup>43</sup> De acordo com dados da Google, houve um grande número de pesquisas sobre o que é a União Europeia e o que é o *Brexit*. SELYUKH, Alina. After Brexit Vote, Britain Asks Google: 'What Is The EU?'. *National Public Radio*, 24 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.npr.org/sections/alltechconsidered/2016/06/24/480949383/britains-google-searches-for-what-is-the-eu-spike-after-brexit-vote>>. Acesso em: 5 out. 2016.

divergências fazem com que crie a necessidade de se modificar a democracia<sup>44</sup>, uma vez que essa deveria ter como uma de suas finalidades tal discussão, para depois a possível deliberação.

Essa discussão não é vista, uma vez que, vota-se, para eleger candidatos, por exemplo, baseados em discursos eleitorais, os quais além de não trazerem a possibilidade de mudança, também não são debatidos de forma aberta.

Com a evolução da era da tecnologia é necessário que se faça uma releitura da democracia, para que essa possa abranger, de forma mais direta, o povo, e que este tenha a possibilidade de elaborar sobre projetos e fazer pleitos.

A vontade geral do povo deve ser ouvida, uma vez que esse é o conceito de democracia - governo do povo, de acordo com Bobbio - e por esse motivo, essa nova soberania popular que pode ser vista nas manifestações sociais na era da internet, mostra que deve haver modificações em como a nação constitui suas decisões.

Observa-se que os obstáculos de uma nova democracia não impedem uma discussão sobre o tema, mostrando-se interessante uma reflexão que elabore sobre a modificação do governo popular, fazendo com que os cidadãos possam participar mais ativamente das decisões. Assim, sendo a vontade geral, a análise sobre uma possível mudança no *status quo* se mostra importante, não se mostrando como solução absoluta, mas como uma discussão necessária de ser feita.

## REFERÊNCIAS

ABRIL. **A Elevação do Espírito**. São Paulo: Abril Livros, 1991.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário Político**. 11. ed. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1998. v. 1.

BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<sup>44</sup> Como aponta Bobbio, “[p]ara um regime democrático, o estar em transformação é seu estado natural: a democracia é dinâmica, o despotismo é estático e sempre igual a si mesmo”. Cf. BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 9.

BRICKMANN, Carlos. 300 mil nas ruas pelas diretas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 jan. 1984. Capa, p. 1.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 17. ed. São Paulo: Paz&Terra, 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHOZICK, Amy. For Syria's Rebel Movement, Skype Is a Useful and Increasingly Dangerous Tool. **The New York Times**, 30 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2012/12/01/world/middleeast/syrian-rebels-turn-to-skype-for-communications.html>>. Acesso em: 1 out. 2016.

COHEN, Jared; SCHMIDT, Eric. **A Nova Era Digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 3. ed. Tradução de Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

EX-DITADOR Muamar Kadafi está morto, afirmam forças líbias. **Veja**, 20 out. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/forcas-rebeldes-capturam-muamar-kadafi-diz-tv-libia>>. Acesso em: 1 out. 2016.

GUERRA, Raquel Diniz. **Mulher e Discriminação**. Belo Horizonte: Fórum, 2011.

LIMA, José Antônio. No Egito, a Primavera Árabe acabou. **Carta Capital**, 29 maio 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/no-egito-a-primavera-arabe-acabou-4458.html>>. Acesso em: 1 out. 2016.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. Tradução de Gabriel Deville. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2013.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MÜLLER, Friedrich. **Quem é o Povo? A questão fundamental da democracia**. Tradução de Peter Naumann. 6. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011.

ONU e Liga dos Estados Árabes discutem crise na Síria e Primavera Árabe. **Nações Unidas no Brasil**, 22 fev. 2012. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/onu-e-liga-dos-estados-arabes-discutem-crise-na-siria-e-primavera-arabe/>>. Acesso em: 1 out. 2016.

RUDÉ, G. **A Multidão na História: estudos dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campos, 1991.

SELYUKH, Alina. After Brexit Vote, Britain Asks Google: 'What Is The EU?'. **National Public Radio**, 24 jun. 2016. Disponível em:

<<http://www.npr.org/sections/alltechconsidered/2016/06/24/480949383/britains-google-searches-for-what-is-the-eu-spike-after-brexit-vote>>. Acesso em: 5 out. 2016.

SUBRAMANIAN, Samanth. Inside the Macedonian Fake-News Complex. **Wired**, 15 fev. 2017.

Disponível em: <<https://www.wired.com/2017/02/veles-macedonia-fake-news/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

UM ANO depois da Primavera Árabe, Ban elogia avanços na Tunísia. **Nações Unidas do Brasil**, 16 jan. 2012. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/um-ano-depois-da-primavera-arabe-ban-elogia-avancos-na-tunisia/>>. Acesso em: 1 out. 2016.

VIJAYAN, Jaikymar. Syria drops off the Internet amid turmoil. **Computerworld**, 3 jun. 2011.

Disponível em: <<http://www.computerworld.com/article/2508961/vertical-it/syria-drops-off-the-internet-amid-turmoil.html>>. Acesso em: 1 out. 2016.

WILSON, Edmund. **Rumo à Estação Finlândia**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

Recebido em: 12.01.2017 /Revisões requeridas em: 10.04.2017 /Aprovado em: 27.04.2017 / Publicado em: 20.12.2017

#### COMO FAZER A REFERÊNCIA DO ARTIGO (ABNT):

COSTA, Débora Laís Santos; SILVA FILHO, Edson Vieira. Uma nova ágora: a democracia, seus obstáculos e possibilidades. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, Santa Maria, RS, v. 12, n. 3, p. 768-789, dez. 2017. ISSN 1981-3694. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/25599>>. Acesso em: dia mês. ano.  
doi: <http://dx.doi.org/10.5902/1981369425599> .